

SAÚDE MENTAL

“Eu preciso procurar ajuda”

Jovem conta dificuldades em conseguir auxílio na rede pública da Capital para tratar doenças como depressão, transtorno bipolar e síndrome do pânico

Isabela Lopes
Repórter

“O sistema ganhou de mim”. É assim que começa o texto postado em uma rede social. A mensagem, que soa mais como um desabafo, foi feita pelo universitário Daniel Pessoa, de 25 anos, que tem transtorno bipolar e síndrome do pânico diagnosticadas há cinco anos. Na publicação, ele conta sua saga em buscar ajuda na rede pública de saúde, principalmente as dificuldades em conseguir tratamento psicológico e remédios para controlar as crises que costuma ter.

Daniel afirma que foi diagnosticado quando tinha 18 anos, mas, desde criança, apresentava um comportamento diferenciado, que, segundo ele, nunca foi levado a sério pelos familiares. “Eles achavam coisa de crianças, até que um dia eu tentei suicídio e nós procuramos um psicólogo”, lembra o jovem. E começa assim a jornada do estudante em busca de auxílio e tratamento para as doenças. Ele lembra que chegou a fazer um plano de saúde, mas só conseguiu manter por poucos meses devido ao alto valor das mensalidades, lhe deixando apenas

uma única alternativa: recorrer à rede pública.

“Minha mãe não conseguiu pagar o plano por muito tempo, então procuramos o Hospital do Matadouro, na zona Norte de Teresina, onde tinha uma psiquiatra que era a única que atendia pelo município todos os dias. Ela atendia em média 30 pessoas por dia, então, não era muito tempo para cada paciente. Fui diagnosticado com depressão e síndrome do pânico, fiz o tratamento por dois anos com ela e parei porque comecei a me sentir melhor”, comenta. Pouco depois, o jovem mudou-se para o Pará, onde lá foi diagnosticado com transtorno bipolar.

Ao retornar para Teresina, Daniel fala que buscou novamente o serviço, procurando ajuda em um Caps (Centro de Atenção Psicossocial). Lá passou por um processo de triagem e preencheu um formulário. “Mas lá é para quem tem problemas psicológicos mais graves, como a bipolaridade e esquizofrenia. Eu só fiquei por uma semana, porque lá não havia uma divisão da gravidade dos casos e toda a terapia era em grupo. Para mim, isso não tinha serventia e eu me sentia pior, então voltei para a psiquiatra do Hospital do Matadouro”, explica.

Sem acompanhamento de um profissional e pouca medicação para administrar nos horários corretos, o estudante recorreu novamente à rede privada, vez que não podia ficar sem auxílio médico por já ter tido ideação suicida. Mas isso não durou muito devido às condições financeiras da família e, em janeiro, precisou cancelar o serviço novamente. Há sete meses sem plano de saúde, Daniel desabafa sobre sua condição psicológica atual e pede um olhar mais atento da cidade para com sua população.

“Estava tendo muita crise de pânico e não conseguia sair de casa, ouvia vozes e tinha alucinação e foi aí que pensei ‘Eu pre-

ciso procurar ajuda””, pontua. Na publicação que fez nas redes sociais, o estudante lamenta o descaso relacionado à saúde mental em Teresina.

“A minha única vontade foi de chorar, nunca me senti tão humilhado em buscar uma ajuda para suportar minhas dores e não conseguir. Quando se perguntam como essa cidade e esse Estado tem o maior índice de suicídio no Brasil, está aí [a resposta], é o descaso com a saúde pública e mental. Uma cidade que lhe oferta nenhum lazer e muito menos um lugar para tratamento das doenças que ela lhe faz ter. O sistema me venceu”, desabafa.

Provida

Com um ano sem acompanhamento médico e tendo constantes crises de bipolaridade, Daniel Pessoa recorreu ao Provida - ambulatório especializado no tratamento de pessoas com ideação suicida que funciona no Centro Integrado Lineu Araújo e disponibiliza psicólogos e psiquiatra para atendimento de pessoas com sofrimento psíquico.

“O Provida foi único lugar que consegui atendimento da última vez e é relativamente bom. Como é um local de prevenção ao suicídio, era para as pessoas irem para lá e terem o apoio de um psicólogo e psiquiatra, só que o sistema foi modificado, agora tem que fazer uma triagem mesmo já tendo cadastro para depois falar com o psicólogo e com o psiquiatra. Para uma pessoa que já tentou suicídio, se tiver que passar por todo esse processo, ela desiste”, comenta o estudante Daniel Pessoa, acrescentando que já tentou atendimento no Hospital Areolino de Abreu, mas não foi bem atendido.



Daniel culpa o descaso com a saúde pública e mental aos altos índices de suicídio em Teresina

Pacientes se deparam com burocracia e atrasos

O universitário Germano Marques também buscou ajuda da rede pública para atendimento psicológico. Em 2016, ele foi diagnosticado com distímia, um tipo crônico de depressão no qual a pessoa fica triste regularmente. É um quadro que pode ser controlado, mas persiste se o tratamento for suspenso. O jovem conta que apresentava um quadro depressivo desde a infância, porém, a procura por ajuda só veio quando ele ingressou na universidade.

“Quando a coisa começou a apertar, ou eu buscava ajuda ou a coisa ia ficar feia. Desde então, eu comecei o tratamento, mas parei diversas vezes, porque eu me trato pelo SUS e é tudo muito burocrático, seja para marcar uma consulta, pegar um encaminhamento, agendar o retorno. Então, quando a situação

está apertando, eu procuro ajuda, me trato por um tempo e depois paro, porque é muito desgaste buscar ajuda e não conseguir, você sai mais cansado do que quando começou. A gente que precisa acordar bem cedo para marcar uma consulta e eles ficam te jogando de um lado para o outro”, comenta.

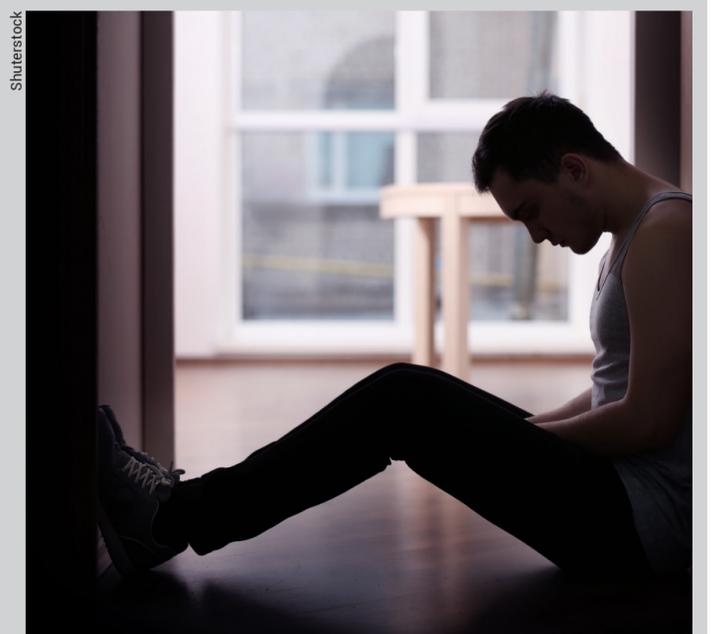
Germano destaca que já foi ao Hospital Universitário da Ufpi, Hospital Getúlio Vargas (HGV) e no Provida, local onde fez a maior parte do tratamento, e explica que lá é menos burocrático, vez que os retornos podem ser agendados no próprio Centro Integrado Lineu Araújo.

O estudante cita ainda que, no HGV, os psiquiatras que atendiam costumavam chegar atrasados, o que causava desgaste e estresse nos pacientes, por isso, a necessidade

de ofertar mais pontos de atendimentos psicológico em outros locais de Teresina.

“Eu não acho que a quantidade para se tratar atende à demanda da cidade, nem de lugares nem de profissionais e nem o modo como é feito. É um processo muito difícil você admitir que tem um transtorno, precisa de ajuda e levar em frente esse tratamento. O que a gente puder receber de estímulo e incentivo seria muito bom, mas isso não acontece. No Provida, é o local que melhor atende, apesar de atender uma demanda específica, mas os métodos como eles tratam os pacientes, como eles facilitam as coisas, se em outros lugares seguissem o mesmo esquema, seria mais fácil das pessoas buscarem ajuda e concluírem o tratamento”, comenta.

(Isabela Lopes)



A promotora Karla Daniela diz que União, Estado e Município devem trabalhar juntos em prol da saúde mental da população

Assis Fernandes/ODIA



“É preciso ampliar e fortalecer a rede”, defende promotora do Centro de Apoio de Defesa da Saúde

Diante de inúmeras reclamações de usuários da rede de atendimento psicossocial, o Ministério Público do Piauí (MP-PI) realizou uma audiência pública, no dia 26 de junho, onde foram discutidas ações para melhorar e ampliar essa rede, no intuito de oferecer um serviço mais facilitado e eficiente para a população que necessita de acompanhamento psicológico.

A promotora Karla Daniela Carvalho, coordenadora do Centro de Apoio Operacional de Defesa da Saúde (CAODS), enfatiza que, dentre os principais pontos discutidos está a coparticipação das três esferas: União, Estado e Município. Segundo ela, os gestores municipais ficam limitados em

ampliar e melhorar a rede devido ao não auxílio dado pelo Estado, que não cofinancia a área da saúde mental, prejudicando as ações de expansão e execução dos serviços para a população.

“Uma fragilidade muito grande que também observamos é a retaguarda hospitalar, porque o CAPS não é o único serviço no sistema SUS a prestar atendimento a pessoas com ideação suicida, transtorno mental ou dependência química de álcool e outras drogas. Esses cuidados devem vir desde a atenção básica. Por isso, há uma necessidade de melhor harmonia entre essas entidades para fortalecer essa rede de atenção psicossocial”, enfatiza

a promotora.

A coordenadora do CAODS pontua ainda que o atendimento inicial precisa passar pelo hospital, que irá estabilizar esse paciente. Para isso, é necessário que os profissionais estejam preparados para receber esses pacientes. Ela acrescenta que essa retaguarda hospitalar ainda é muito precária e ineficiente no Estado do Piauí, fazendo com que a rede de atenção psicossocial não funcione. A promotora também destaca a importância de ampliar as atividades realizadas nos CAPS, principalmente na formação profissional.

“Se de todos os componentes, apenas um estiver funcionando, que é o CAPS, ele não

conseguirá sustentar a rede como um todo. É preciso ampliar, fomentar, capacitar essas pessoas que estão recebendo atendimento a trabalharem, porque isso também é uma terapia, como uma estratégia de reabilitação psicossocial, através de iniciativa de trabalho e geração de renda e empreendimento solidário. O CAPS não pode se resumir apenas a atendimentos e palestras. Os

profissionais de saúde precisam ter uma intersetorialidade com a área da saúde e cultura”, ressalta a promotora Karla Daniela Carvalho.

A promotora conclui afirmando que o Ministério Público tem buscado a melhoria na assistência da rede de atendimento psicossocial para que a sociedade possa utilizar um serviço de qualidade. “A rede foi construída dentro de estra-

tégias baseadas em evidências científicas, mas para dizer se ela funciona ou não, é preciso ver se todos os componentes da rede estão cumprindo seu papel. Essa é uma questão de saúde pública, mas ainda há muito preconceito, só que esse estigma precisa ser mudado e a sociedade tem que olhar com mais atenção para a saúde mental”, conclui.

(Isabela Lopes)

CAPS atendem seis mil pessoas por ano

Somente no ano de 2017, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) de Teresina realizaram 55 mil atendimentos individuais e possui seis mil pessoas cadastradas nas oito unidades espalhadas pela Capital. Atualmente, a rede de saúde mental do município é composta por setes CAPS de responsabilidade da gestão municipal, sendo um infantil, um Tipo III - que funciona 24 horas para usuários em crise, quatro CAPS Tipo II, além de uma residência terapêutica para pacientes egressos de hospitais psiquiátricos e necessitam de moradia.

Há ainda seis ambulatórios, como o Provida, que atendem especificamente pessoas com ideação ou tentativa de suicídio e que funciona no Hospital Lineu Araújo; também há psicólogos no Lineu Araújo, no Hospital da Primavera, Satélite e Buenos Aires. O atendimento feito no Provida não é regulado pela especificidade e, como é voltado para pessoas com ideação suicida, funciona de segunda a sexta, das 8h às 18h, com três psicólogos e um psiquiatra.

Luana Bueno, coordenadora de Saúde Mental da Fundação Municipal de Saúde (FMS), explica que o CAPS é um serviço para usuários com transtorno mental grave e severos ou usuários de drogas. Porém, segundo ela, o município de Teresina tem atendido uma grande demanda de pacientes vindos de outras cidades, o que tem

Os atendimentos realizados nos CAPS são para pessoas com transtornos mais graves e que quem não se enquadra nesses critérios deve buscar auxílio na rede de marcação de consultas pelo SUS

sobrecarregado a rede. A coordenadora explica que os atendimentos realizados nos CAPS são para pessoas com transtornos mais graves e que quem não se enquadra nesses critérios deve buscar auxílio médico através da rede de marcação de consultas pelo SUS.

“Quem tem um transtorno mais leve ou não se identifica no ambiente CAPS pode ser atendido na rede através da marcação de consulta, que é a porta de entrada do SUS para o paciente. Ele pega um encaminhamento na atenção básica e vai para a regulação. Se esse paciente que precisar de atendimento for grave, deve buscar o CAPS, porque ele é porta

aberta. O profissional recebe ele, conversa e se for uma necessidade que precise, é atendido na hora, encaminhado para a atenção básica ou laboratórios”, comenta.

Medicamentos insuficientes

A assistente social Raimunda Nonata dos Santos Guedes trabalha no CAPS Leste e conta que, devido ao grande número de pacientes vindos de outros municípios para serem atendidos em Teresina, a quantidade de medicamentos distribuídos não tem sido suficiente para atender a demanda de usuários. Segundo ela, pelo menos 50% da medicação entregue é destinada a moradores de outras cidades.

“A medicação é entregue aos usuários do CAPS que têm um cadastro e fizeram o tratamento. Com o fechamento da farmácia do Hospital Areolino de Abreu, muitas pessoas estão recorrendo ao CAPS para adquirir a medicação. O sistema do SUS é universal para todos e se temos a medicação, é desumano negar para uma pessoa que está precisando. A entrega da nossa medicação é 50% destinada às pessoas do interior do Estado, porque esses municípios não estão recebendo verbas e isso está atrapalhando demais o nosso trabalho. São medicações caras e que a maioria da população não tem como comprar”, enfatiza.

(Isabela Lopes)

♦ CAPS: SAIBA ONDE ENCONTRÁ-LOS ♦

Caps AD

- Endereço: Rua Quintino Bocaiúva, 2978, Bairro Macaúba
- Fone: (86) 3215-7762
- Funcionamento: de segunda a sexta, nos turnos manhã e tarde

CAPS Infantil

- Endereço: Rua Coronel Cezar, 1566, Bairro Morada do Sol
- Fone: (86) 3223-9661
- Funcionamento: de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 14h às 18h

CAPS II SUL

- Endereço: Av. Barão de Gurguéia, 2913, Bairro Pio XII
- Telefone: (86) 3218-4865
- Funcionamento: de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 14h às 18h

CAPS II LESTE

- Endereço: Rua Visconde da Parnaíba, 2435, Bairro Horto Florestal
- Telefone: (86) 3216-3967
- Funcionamento: de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 14h às 18h

CAPS II SUDESTE

- Endereço: Rua Agnelo Pereira da Silva, 3567, Bairro São João
- Telefone: (86) 3236-8747 / 3234-2506
- Funcionamento: de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 14h às 18h

CAPS II CENTRO-NORTE

- Endereço: Rua Lucrécio Dantas Avelino, 521, Bairro Água Mineral
- Telefone: (86) 3213-2080 / 3215-9132
- Funcionamento: de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 14h às 18h

CAPS III SUL

- Endereço: Rua Costa Rica, 466, Bairro Três Andares
- Telefone: (86) 3221-6422 / 3221-0092
- Funcionamento: 24 horas, todos os dias

Residência Terapêutica

- Endereço: Rua Climério Bento Gonçalves, 705, Bairro São Pedro
- Telefone: (86) 32221-4472
- Funcionamento: 24 horas, todos os dias